

O Plano de Deus



O plano de Deus

Deus tem um plano! A certeza disso hoje, quando todos os planos humanos estão falhando, constitui o único raio de luz e esperança que existe em um mundo onde a segurança, a paz e a felicidade estão quase completamente obscurecidas pelo egoísmo e pela agressividade humanos. Esse raio de esperança se torna uma garantia definitiva para o futuro quando aprendemos nas Escrituras que seu sucesso não depende da boa vontade e dos esforços fracos da minoria que ainda tem fé em Deus, mas da determinação e capacidade de Deus de colocá-lo em operação, independentemente da oposição egoísta daqueles que desejam impedi-lo.

A maioria das pessoas está disposta a concordar que, se os preceitos de Cristo, conforme ensinados em seu Sermão da Montanha, fossem aceitos pelo mundo, a paz e a felicidade duradouras poderiam ser alcançadas. Mas, dizem eles, o problema é fazer com que o mundo aceite esses preceitos. A história humana ensina que o homem egoísta não é suscetível de se tornar repentinamente altruísta e decidir adotar o amor em vez do egoísmo como motivo determinante em seus assuntos. É realmente frágil a esperança de que, pela força das armas, as nações possam ser induzidas a obedecer à Regra de Ouro e que, dessa maneira, uma nova ordem mundial de paz e felicidade surja do atual desastre da ambição e da ganância humanas.

Portanto, se no plano de Deus devemos encontrar uma esperança genuína para a felicidade futura da humanidade, esse plano deve incluir arranjos adequados pelos quais ele possa ser colocado em operação de maneira eficaz. Seu sucesso não deve ser comprometido pela possibilidade de manipulação humana egoísta, nem pela fria indiferença das massas incrédulas. As Escrituras nos asseguram que o plano de Deus é implementado por meios e recursos divinamente providenciados para garantir sua viabilidade e sucesso final em trazer ao mundo o “desejo de todas as nações”. Ageu 2:7; Zacarias 4:6

Os propósitos de Deus nunca falham

A atual condição trágica dos assuntos mundiais não significa nem mesmo um fracasso temporário no plano divino. Significa um fracasso do que os homens pensavam ser o plano de Deus, e esse fracasso deve nos impressionar com a necessidade de reexaminar as Escrituras para descobrir nossos erros de interpretação que levaram a esperanças e expectativas que agora estão sendo destruídas pela fria realidade dos fatos.

Que falsas e injustificadas esperanças foram alimentadas com relação ao propósito e ao progresso do cristianismo no mundo é agora claramente evidente para todos aqueles que não fecham os olhos à realidade. O pensamento aceito nos círculos ortodoxos tem sido que o mundo está melhorando constantemente, que a civilização tem progredido para níveis cada vez mais elevados de boa vontade

entre os homens e que em breve o medo, a pobreza e a guerra não existirão mais. Nessa visão otimista da cristandade ortodoxa, também se previa a possibilidade de todos os pagãos se converterem ao cristianismo, provavelmente ainda durante a vida da geração atual.

Essas falsas esperanças e alegações da cristandade começaram a ser destruídas com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, no ano de 1914. Mas um esforço supremo foi feito para reunir as forças da civilização e da justiça a partir do resultado desse colapso dos esforços humanos para manter a paz. Essa guerra surpreendeu o mundo, mas, filosoficamente, foi considerada “uma guerra para acabar com as guerras” e tornar o mundo “seguro para a democracia”.

Após o Armistício de 1918, falou-se muito sobre o retorno à “normalidade”, mas, como todos sabemos, a normalidade nunca foi alcançada. Depois que todas as conferências e negociações fracassaram, outra guerra sangrenta começou, e agora se reconhece que não há esperança de o mundo voltar ao normal. A questão hoje não é como voltar ao normal, mas qual será a natureza do novo “normal”.

Enquanto isso, durante todos esses anos conturbados, em vez de as pessoas da Terra serem levadas em números crescentes para as igrejas da cristandade, o contrário tem acontecido. Mesmo nas chamadas terras civilizadas, o aumento do número de membros da igreja não acompanhou o aumento da população. O ateísmo tem aumentado. O espírito

de mundanismo ainda domina a maioria das igrejas. Os jovens estão saindo de nossas escolas e faculdades, quase todos sem fé em Deus e na Bíblia. O trabalho missionário diminuiu, e filosofias de todos os tipos inundaram nossa bela terra.

Revisamos esses fatos, não com o propósito de criticar, nem para sugerir que alguém deveria ter feito melhor. Não é hora de criticar o que outros têm feito para tornar o mundo um lugar melhor para se viver. Desejamos apenas enfatizar que, em algum ponto da trajetória dos esforços humanos, independentemente do grau de sinceridade manifestado, homens e mulheres cometeram um erro quanto ao propósito de Deus. Se Deus quisesse que o mundo se convertesse nesta geração, ele teria se convertido. Se a proteção de Deus estivesse sobre as instituições da Terra anteriores a 1914, elas não poderiam ter sido destruídas.

Por meio do profeta, o Senhor diz: “Assim é a minha palavra que sai da minha boca... Ela não voltará para mim vazia, mas fará o que eu desejo e alcançará o propósito para o qual a enviei” (Isaías 55:8-11). Isso significa que, independentemente das condições angustiantes em todo o mundo hoje, os planos de Deus, sejam eles quais forem, estão progredindo de forma constante e bem-sucedida. O apóstolo diz que “conhecidas são todas as suas obras desde o princípio do mundo” (Atos 15:18). Isso significa que Deus sabia qual seria o seu plano para o nosso tempo e que não houve nenhum fracasso nesse plano. Isaías 46:9,10; 14:24,27

Que Deus tem um plano é claramente mostrado pelo apóstolo Paulo em Efésios 3:11, onde ele fala de um “plano das eras”, um plano que tem como característica central a obra redentora de Cristo Jesus, nosso Senhor. Que esse plano abrange várias eras é indicado em Efésios 1:10, onde Paulo fala das coisas que serão feitas “na dispensação da plenitude dos tempos”, e em Efésios 2:7, “para que, nas eras vindouras, ele pudesse mostrar as riquezas da sua graça... para conosco”. A obra que o apóstolo descreve como sendo realizada quando o tempo de Deus chegar ao seu cumprimento é a de reunir “todas as coisas em Cristo”. Isso significa que em nenhum momento anterior da história da humanidade devemos esperar ver “todas” as coisas em harmonia com Cristo.

Vendo, então, que o plano de Deus abrange várias eras, ou períodos de tempo, e que somente na “plenitude dos tempos” esse plano se concretizará na reconciliação do mundo com Deus, por meio de Cristo, vamos examinar as Escrituras para verificar como o plano de Deus nas eras anteriores tem progredido em direção ao seu objetivo final na “plenitude dos tempos”.

Três mundos

Na segunda epístola de Pedro, capítulo 3, somos informados sobre três “mundos”. Nesta profecia, o apóstolo usa a palavra grega “*kosmos*”, que significa uma ordem de coisas. O primeiro deles, ele nos diz, chegou ao fim na época do Dilúvio; o segundo

termina com o retorno de Cristo; enquanto o terceiro, que é o mundo de Deus, é “sem fim”. (Efésios 3:21). Esses três mundos abrangem três longos períodos de tempo. 2 Pedro 3:6; Gálatas 1:4; Hebreus 2:5

De acordo com o uso moderno da linguagem, poderíamos falar desses três mundos como o mundo de ontem, o mundo de hoje e o mundo de amanhã. A Bíblia usa a palavra “mundo” da mesma forma que nós, não se referindo ao planeta em que vivemos, mas a uma ordem das coisas entre os homens e, às vezes, e mente a uma era ou período. Grande parte do mal-entendido sobre o propósito de Deus para a humanidade foi causada pela falha em reconhecer esse fato. Por exemplo, o “fim do mundo” bíblico foi mal interpretado como significando a queima literal da Terra e de todas as coisas nela. Isso impediu muitos de investigar o assunto.

Devido a esse equívoco sobre o que significa o fim do mundo, muitos temem sua aproximação e, por isso, se esforçam para projetá-lo para um futuro distante. Outros o consideraram uma mera superstição da Idade Média, indigna de qualquer consideração séria. Mas quando percebemos que o que a Bíblia chama de fim do mundo atual significa exatamente o que vemos acontecendo agora e o que as pessoas pensantes de nosso tempo chamam de fim de um mundo, então o assunto deve assumir um significado importante, sim, vital, para todos os que se interessam pelo que será o mundo de amanhã.

A Bíblia usa os termos “fogo”, “terremotos”, “tempestades”, etc., da mesma forma pictórica que

são usados na linguagem atual para descrever as catástrofes que se abateram sobre os homens e as nações nesta geração. Assim como o Senhor usa “trigo” e “joio” e “ovelhas” e “cabras” para ilustrar aqueles que O servem, fingem servi-Lo ou se opõem a Ele, Ele usa os termos “terra” e “céu” para ilustrar fases da sociedade organizada chamadas “mundos”. Jeremias 22:29

Pedro fala dos céus e da terra que existiam antes do Dilúvio, indicando que eles compunham o “mundo que então existia”, o mundo de ontem. Esse m e chegou ao fim na época do Dilúvio, mas a terra em si não foi destruída. Sobre a terra literal, lemos que ela “permanece para sempre”. (Eclesiastes 1:4). Em Isaías 45:18, é-nos dito que Deus não criou a terra em vão, mas “a formou para ser habitada”. Este é um fato básico da verdade que deve ser mantido em mente ao traçarmos, através das Escrituras, o esboço do plano divino. O plano de Deus não envolve a transferência da humanidade para outra esfera de vida, mas sua restauração à vida eterna na Terra, o lar original e planejado para o homem. Salmos 115:16; Isaías 65:21; Jeremias 31:17; Deuteronômio 11:21; Mateus 5:5

O primeiro mundo, então, que começou na época da criação, terminou no Dilúvio. O segundo mundo, de acordo com o apóstolo, começando após o Dilúvio, chega ao fim na destruição causada na fase final do grande tempo de angústia, ou dia do Senhor (Jeová). Este dia de Jeová segue o retorno de nosso Senhor, quando as condições neste mundo maligno atual

serão como os dias de Noé. Mateus 24:38,39; Lucas 17:26,27; Gênesis 6:11; 2 Pedro 3:6,7,10

Nos dias de Noé, segundo nos é dito, as pessoas estavam “comendo e bebendo, casando e dando-se em casamento... e não sabiam” do dilúvio iminente que destruiria o “mundo que então existia”. Da mesma forma, as Escrituras explicam que o “dia do Senhor” virá como um “ladrão na noite”, sem que as pessoas percebam o significado dos acontecimentos até que as tribulações destrutivas daquele dia provoquem a derrubada deste “mundo maligno atual”. Gálatas 1:4; 1 Tessalonicenses 5:2; Lucas 21:35

Mas o fim do mundo de hoje não significará o fim da humanidade. Não, graças a Deus, significará apenas o início de um novo mundo, o mundo de amanhã — o mundo de amanhã de Deus. Uma das principais características do mundo de ontem e do mundo de hoje é que eles se basearam no egoísmo, e Satanás, o arqui-inimigo de Deus, tem sido seu governante. Mas, com o fim do mundo de hoje e o início do mundo de amanhã, Satanás será preso, e esse novo mundo estará sob um novo governo divino. Apocalipses 20:1-4; 21:1-5; 2 Pedro 3:13; Isaías 65:17; Obadias 21

Versículo sobre egoísmo e amor

Sob a liderança de Satanás, o espírito de egoísmo e interesse próprio tornou-se dominante logo no início do mundo de ontem. O pecado e o egoísmo continuaram a dominar aquele primeiro mundo, com

o resultado de que, pouco antes de ele terminar, a Terra “estava cheia de violência”. (Gênesis 6:11). O mesmo tem acontecido com o mundo de hoje. Na verdade, já estamos testemunhando a dissolução do mundo atual, e sua destruição está sendo provocada pela violência do grande tempo de angústia predito pelos profetas. Daniel 12:1

O mundo de amanhã de Deus estará sob a liderança de um novo Governante, Cristo, o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. (Salmo 72:1-20; Apocalipses 19:16). Seu governo será baseado no amor, em vez do egoísmo. É por isso que o apóstolo fala de um esse mundo como um “onde habita a justiça”. 2 Pedro 3:13

O governo satânico do pecado e do egoísmo trouxe a morte, porque “o salário do pecado é a morte” (Romanos 6:23). O reinado messiânico da justiça e do amor trará vida, pois ele deve reinar até que todos os inimigos sejam colocados sob seus pés, sendo o “último inimigo” a ser destruído a “morte”. 1 Coríntios 15:25,26

Quando mantemos diante de nós o fato desses três mundos e suas características variadas, podemos ver prontamente que tudo o que a Bíblia possa dizer sobre eles parecerá contraditório, a menos que apliquemos suas várias declarações ao período ao qual pertencem. Por exemplo, sobre o tempo presente, o profeta diz: “Agora chamamos felizes os orgulhosos; sim, aqueles que praticam a maldade são exaltados; sim, aqueles que tentam a Deus são até mesmo libertos”. Mas sobre o mundo de amanhã,

lemos que então “os justos florescerão” e “todos os ímpios ele (Deus) destruirá”. Malaquias 3:15; Salmo 72:7; Atos 3:23; Salmo 145:20

Este método de estudar as dispensações bíblicas parece, em parte, ser o que o apóstolo Paulo se refere quando instrui Timóteo a ser diligente em aplicar-se para “dividir corretamente a palavra da verdade” (2 Timóteo 2:15). Se, em nossos estudos da Bíblia, nos esforçarmos para aplicar suas várias profecias e promessas ao mundo ou à era a que pertencem, encontraremos uma simplicidade, harmonia e beleza em seus ensinamentos que não percebíamos que existiam. A Bíblia em si é harmoniosa, e tudo o que resta para compreendê-la é entrarmos em harmonia com ela. João 7:17; Lucas 11:9,10; Jeremias 29:13

Embora os dois primeiros “mundos” mencionados pelo apóstolo Pedro (2 Pedro 3:6,7) tenham estado sob o controle de Satanás, o “príncipe deste mundo” (João 14:30), e o domínio divino total sobre os assuntos dos homens esteja reservado para o mundo de Deus do amanhã, isso não significa que Deus não tenha se interessado pela humanidade durante todo esse tempo. Pelo contrário, ao longo dos séculos, ele tem levado adiante de forma constante as fases preparatórias de seu plano, preparando-se assim para assumir as rédeas do governo e abençoar “todas as famílias da terra” no tempo devido, a “dispensação da plenitude dos tempos”. Gênesis 12:3; Efésios 1:10

O trabalho que Deus tem feito durante o tempo em que Satanás governou as massas populares tem se desenvolvido através de períodos progressivos, ou eras. A Palavra de Deus — suas promessas e instruções ao seu povo — contribuiu amplamente para a realização de sua obra na Terra durante todas essas várias eras, e ele teve uma obra especial para cada dispensação de sua graça. Não há nada nas Escrituras que indique que quaisquer mudanças importantes tenham sido feitas nos métodos de Deus para lidar com seu povo durante o primeiro mundo, o mundo de ontem.

Durante esse tempo, promessas importantes foram feitas. Em Gênesis 3:15, somos informados de que a “semente” da mulher um dia “feriria” a cabeça da serpente. Por meio de Enoque, Deus prometeu que o Senhor viria com miríades de seus santos. (Judas 14). Em seu relacionamento com Noé, certas ilustrações foram fornecidas que são de grande valor para nós hoje em relação ao fim do mundo atual. No entanto, foi somente após o Dilúvio que os planos de Deus começaram a se revelar com grande clareza, embora, à luz do plano divino como o vemos agora, o que aconteceu antes do Dilúvio seja muito significativo.

A Era Patriarcal

O primeiro período após o Dilúvio pode ser chamado de era patriarcal, não porque essa expressão específica seja encontrada na Bíblia, mas porque a Bíblia indica claramente que, durante esse período,

Deus lidou exclusivamente com alguns indivíduos conhecidos como patriarcas, ou pais de Israel, até a morte de Jacó e a fundação da nação de Israel por seus doze filhos.

A obra ou o plano de Deus durante a era patriarcal não era a evangelização do povo. Ele falou com Abraão e fez promessas maravilhosas a ele. Deus disse-lhe, de fato, que era seu propósito abençoar todas as famílias da terra. Isso revela o interesse de Deus por toda a humanidade, mas as pessoas em geral não tiveram a oportunidade durante essa era de receber as bênçãos prometidas. Em Isaías 51:2, é-nos dito que Deus chamou apenas Abraão. Gênesis 12:1

Foi durante a era patriarcal que as cidades de Sodoma e Gomorra foram destruídas por causa de sua maldade, mas Deus não fez nenhum esforço para levar essas pessoas más ao arrependimento. Sabemos disso pelo que Jesus nos diz no Novo Testamento. O mestre, que conduziu um poderoso ministério e o em certas cidades de sua época, disse que se as mesmas obras poderosas tivessem sido feitas em Sodoma e Gomorra, essas cidades não teriam sido destruídas, porque elas teriam se arrependido. Obviamente, Deus poderia ter dado ao povo dessas cidades perversas um testemunho eficaz, se esse fosse o seu plano; mas ele não o fez. Em vez disso, ele as destruiu sem lhes dar a oportunidade de se arrependerem. Além disso, Jesus prometeu um tempo “mais tolerável” para elas do que

para as cidades favorecidas que se recusaram a reconhecê-lo e às suas obras poderosas.

Por outro lado, devemos concluir que essas pessoas estavam incluídas na promessa de Deus de que Ele abençoaria “todas” as famílias da terra por meio da descendência de Abraão; portanto, a única visão harmoniosa que podemos ter da situação é que Deus planeja ressuscitar os sodomitas dos mortos para abençoá-los. Isso é exatamente o que o profeta Ezequiel prevê no capítulo 16 de sua profecia, do versículo 44 até o final do capítulo.

A Semente Prometida

A promessa que Deus fez a Abraão durante a era patriarcal foi posteriormente confirmada por um juramento divino. (Gênesis 22:16-18; Hebreus 6:13-18). Era uma promessa maravilhosa, na qual Deus revela seu propósito de abençoar todas as famílias da terra. Ela foi confirmada a Isaque e a Jacó e, na morte de Jacó, aos seus doze filhos, que constituíram o núcleo da nação de Israel. Abraão não compreendeu o significado completo dessa promessa. Ele não percebeu, por exemplo, que a semente da bênção seria uma semente espiritual.

Abraão também não compreendeu claramente que havia duas partes na aliança que Deus fez com ele: uma parte previa o desenvolvimento da “semente” e a outra, a distribuição das bênçãos prometidas por meio dessa semente. Abraão sem dúvida pensava que o filho milagroso, Isaque, seria a semente prometida, e tinha tanta fé na capacidade de Deus de

cumprir suas promessas que acreditava que Isaque seria ressuscitado dos mortos se ele o oferecesse em sacrifício, conforme Deus ordenara. Hebreus 11:17-19

Em Hebreus 11:13,39 e Atos 7:5, o apóstolo nos diz que Abraão morreu sem que a promessa lhe fosse cumprida; no entanto, enquanto viveu, ele “esperava uma cidade que tem fundamentos, cujo arquiteto e construtor é Deus”. (Hebreus 11:10). Para Abraão, uma cidade era o centro de um governo ou de um reino; portanto, o que ele esperava de Deus era que Ele estabelecesse na terra um reino no qual os descendentes de Abraão ocupariam uma posição de destaque. A promessa feita a Abraão era, de fato, uma das promessas do Antigo Testamento sobre a vinda do reino messiânico.

Abraão, assim como os outros patriarcas daquela época, terá um papel muito proeminente na fase terrena do reino messiânico; e as promessas de Deus a eles e sua fé obediente nessas promessas tiveram muito a ver com sua preparação para esse papel. Além disso, as promessas de Deus aos patriarcas e o seu relacionamento com eles constituem um papel muito importante no desdobramento mais claro e e e dos seus planos para o seu povo de uma era posterior. Visto assim, podemos perceber que, embora Deus não tenha feito nenhuma tentativa de converter o mundo durante a era patriarcal, ele realizou uma obra muito importante em relação ao seu plano. A obra de Deus durante essa era, como sempre, foi um grande sucesso.

A Era Judaica

A Era Judaica, o próximo período no plano de Deus, começou com a morte de Jacó e terminou com a primeira vinda de Jesus. O título “Era Judaica” é usado para denotar esse período porque sugere a maneira como Deus continuou o trabalho preparatório para o estabelecimento definitivo de seu reino e a consequente bênção de todos os povos. Durante esse tempo, Deus lidou com uma nação, a nação judaica, e com nenhuma outra. Por meio do profeta, ele declarou a eles: “Só a vocês eu conheci, dentre todas as famílias da terra”. Amós 3:2

Deus deu a Israel a sua Lei. Ele enviou os seus profetas a eles. Por meio do seu sacerdócio, ele instituiu os serviços do tabernáculo, que, de acordo com o Novo Testamento, prenunciavam as “coisas boas que estavam por vir”. (Hebreus 9:11,23; 10:1). A promessa de Deus a essa nação era que, se fossem leais a Ele, Ele os tornaria um “reino de sacerdotes e uma nação santa”. (Êxodo 19:5,6). Isso significava que, por meio deles, Deus dispensaria Suas bênçãos prometidas a todas as famílias da terra.

Mas Israel não se qualificou para essa posição elevada e honrosa no plano divino (Romanos 11:7). Quando o Messias veio a eles, eles O rejeitaram e, como resultado, foram rejeitados dessa posição especial de favor divino. Mas a obra de Deus durante a Era Judaica não foi um fracasso. Paulo nos diz que a Lei serviu como um “mestre”, para levar os judeus

a Cristo (Gálatas 3:24). O fracasso dos judeus em guardar a Lei perfeita de Deus e, assim, ganhar a vida provou a necessidade da obra redentora de Cristo. Todas as nações acabarão por aprender a mesma grande lição, a saber, a necessidade do redentor.

Deus realizou outras coisas importantes durante a Era Judaica. Seu relacionamento com Israel e seus sucessos e fracassos servem como exemplos e guias valiosos para o Israel espiritual desta era. As centenas de promessas feitas a Israel por meio dos profetas constituem um esboço de muitas das características importantes do plano divino e, assim, servem para guiar os seguidores do mestre em sua preparação para a herança conjunta com ele no reino messiânico. De outras maneiras também, a obra de Deus na Era Judaica ocupa um lugar importante no plano divino para a reabilitação humana. A obra de Deus durante a Era Judaica não foi um fracasso, mas cumpriu seu propósito divinamente pretendido.

A Era Judaica chegou ao fim com a primeira vinda de Jesus. Durante o seu ministério e por um período de três anos e meio depois disso, o favor divino continuou com os judeus; e, de acordo com esse arranjo, Jesus limitou o seu ministério, bem como o ministério dos seus discípulos, à nação de Israel até depois da sua ressurreição dos mortos. Jesus disse aos seus discípulos : “Não vão pelo caminho dos gentios, e em nenhuma cidade dos samaritanos entrem; mas vão antes às ovelhas perdidas da casa de Israel.” Mateus 10:5,6

A era evangélica

Após a ressurreição de Jesus, ele disse aos seus discípulos para estenderem o ministério a todas as nações, mas mesmo assim, eles deveriam começar em Jerusalém. (Lucas 24:45 a 49; Mateus 28:19,20). De acordo com uma profecia dada por Daniel (Daniel 9:24-27), na qual ele fala do Messias sendo “cortado” no meio de uma “semana”, haveria três anos e meio de favor demonstrado a Israel após a morte de Jesus, daí a ordem: “começando por Jerusalém”. Uma “semana” no tempo profético representa sete anos, com base em um ano por dia. Números 14:33,34; Ezequiel 4:6; Daniel 12:11,12; Apocalipses 11:2,3

Assim, “começando em Jerusalém”, a obra da era evangélica teve início. Esta era continua até a segunda presença de Cristo, que é também o início do mundo de amanhã de Deus. O termo “a era evangélica” foi escolhido para identificar este período entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, porque as Escrituras mostram que a obra de Deus durante este tempo é realizada pela proclamação do evangelho, ou “boas novas”, do reino.

Como já observado, durante a era patriarcal, Deus realizou sua obra selecionando e lidando com certos patriarcas individuais. Durante a Era Judaica, sua obra foi realizada lidando com a nação judaica e e; mas durante a era evangélica Deus não limita sua graça a certos indivíduos notáveis, como fez na era patriarcal, ou a uma única nação, como fez durante a era Judaica, mas comissionou todo o seu povo a

proclamar as boas novas do reino a todas as nações; e aqueles que responderam a essa mensagem foram aqueles a quem Deus concedeu sua graça, convidando-os a participar de seu plano para as eras.

Qual tem sido, então, o objetivo da obra de Deus durante a era evangélica? Essa pergunta é respondida em Atos 15:13-18. Aqui nos é dito que Deus visitou os gentios “para tirar deles um povo para o seu nome”. Os judeus, como nação, deveriam ser esse povo, e alguns deles aceitaram Cristo, e a todos os que o fizeram, “Ele deu o poder de se tornarem filhos de Deus” (João 1:12).” (João 1:12). Mas, no plano divino, esse “povo para o seu nome” deveria consistir em 144.000 — um número considerável sob alguns pontos de vista, mas, comparado com o total da humanidade, ou mesmo dos cristãos professos, é, de fato, apenas um “pequeno rebanho”. Lucas 12:32

Em Romanos 11:17-24, o apóstolo explica que os gentios podem ter acesso aos privilégios especiais da era evangélica porque os judeus, como “ramos naturais”, foram cortados por causa de sua incredulidade. Isso significa que, quando essas “pessoas para o seu nome” são selecionadas dentre os gentios, elas realmente tomam o lugar dos judeus rejeitados no programa israelita original — a casa natural e carnal de Israel perdendo esse lugar de favor especial. Essa é a razão pela qual, em um Apocalipse e e, em Apocalipse 7:4-8 e 14:1-3, encontramos toda a companhia de 144.000 representada sob a imagem israelita.

Observe especialmente que aqui este “pequeno rebanho” que está com o “Cordeiro” no Monte Sião é descrito como tendo o nome do Pai do Cordeiro escrito em suas testas. Assim, eles são mostrados como “um povo para o seu nome”, ou seja, para levar o seu nome. Em Apocalipse 19:7, essa mesma companhia é retratada como se tornando a “esposa” do Cordeiro e, dessa forma, também compartilha do nome da família de seu Pai Celestial (veja também Apocalipse 21:2 e 22:17).

A Casa Governante de Deus

À luz do testemunho geral da Palavra de Deus, este “povo para o seu nome”, reunido de todas as nações por meio do evangelho, é a casa governante de Deus. Em Miquéias 4:1-4, somos informados sobre o estabelecimento do reino divino em toda a terra, e este reino (simbolizado na profecia como uma “montanha”) é mostrado como sendo composto pela “casa do Senhor”. Todas as casas governantes hereditárias deste mundo maligno atual têm sido arranjos familiares, por meio dos quais, de geração em geração, os governantes herdaram seu “direito” de governar.

Portanto, Deus nos diz que seu reino estará nas mãos de uma casa governante, que também será um arranjo familiar. Os membros dessa família recebem seu direito de governar por herança e por fazerem parte da família. No entanto, não se trata de uma família terrena, mas de uma família divina. É a própria família de Deus. O chefe dela é seu Filho

“unigênito” e amado, Cristo Jesus. Além de Jesus, aqueles que seguem seus passos são introduzidos na família divina, tornando-se filhos de Deus. Colossenses 1:18; João 1:12; 1 João 3:1,2

O apóstolo explica ainda que, se somos filhos, então somos “herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo”. (Romanos 8:16,17). A todos esses co-herdeiros é prometido um lugar na casa governante de Deus, e o próprio propósito desta era evangélica é a seleção e preparação daqueles que, como membros desta família real do céu, viverão e reinarão com Cristo por mil anos. Apocalipses 20:4; Salmo 2:9; Apocalipses 2:26,27; 1 Coríntios 6:2,3

Com a obra da era evangélica concluída, nada impede o estabelecimento do novo mundo de Deus no amanhã. Perto do fim do mundo de hoje, ocorre a segunda vinda de Cristo, primeiro (no que diz respeito ao mundo) “como um ladrão na noite”. Cristo vem primeiro para receber sua noiva. (João 14:3; Apocalipses 19:7; 21:2). Quando sua noiva, ou igreja, estiver unida a ele na glória celestial, então se cumprirá a promessa de Apocalipses 22:17, onde lemos que “o espírito e a noiva dizem: Vem, [...] toma de graça a água da vida”.

Primeira Era no Novo Mundo

Os primeiros mil anos do novo mundo podem ser chamados de Era Milenar ou Messiânica. Será durante esses mil anos que a igreja, reunida do mundo durante a era evangélica, reinará com Jesus com o propósito de distribuir as bênçãos prometidas

por Deus a “todas as famílias da terra”. (Gênesis 12:1-3; Gálatas 3:16,27-29; Apocalipses 5:10; Mateus 19:28). Será durante a Era Messiânica que o grande plano de Deus chegará à sua conclusão gloriosa e vitoriosa. Efésios 1:10

Mas antes que a Era Milenar possa ser inaugurada, o mundo deve passar por “um tempo de angústia, como nunca houve desde que houve nação”. (Daniel 12:1). Há todas as razões para acreditar que estamos vivendo neste tempo e que a angústia atual do mundo é parte do “tempo de angústia” com o qual esta era chega ao fim.

Como os membros da igreja geralmente supõem que Deus pretendia que o mundo fosse convertido durante a era evangélica, a atual destruição da civilização é desconcertante para eles e tende a destruir a fé em Deus e no cristianismo. (Jeremias 8:15). Mas quando percebemos que a obra desta era tem sido meramente a de reunir do mundo aqueles que reinarão com Cristo na próxima era, então o aparente fracasso atual do cristianismo é compreensível.

Na verdade, o próprio Jesus deu a entender claramente que, quando chegasse a hora de sua segunda vinda, restaria muito pouca fé na Terra. (Lucas 18:8). Paulo profetizou que nos “últimos dias” viriam tempos perigosos e que os homens seriam “mais amantes dos prazeres do que amantes de Deus”. (2 Timóteo 3:4). Na parábola do trigo e do joio, Jesus deixou claro que grande parte de seus seguidores professos seriam meros cristãos de

fachada e que, no fim dos tempos, esses grupos denominacionais seriam destruídos.

Essa queima do joio no fim dos tempos é o que constitui, em parte, o grande tempo de angústia com o qual a era chega ao fim. Mas isso não significa que a obra da era tenha sido um fracasso. A obra de Deus nesta era, assim como em todas as eras anteriores, tem sido um sucesso maravilhoso. Todo o seu verdadeiro “trigo” é finalmente reunido no celeiro celestial, e então eles “brilharão como o sol no reino de seu Pai”. (Mateus 13:43). Portanto, por mais que possamos ver o que se professa ser o cristianismo se dissolvendo, lembremo-nos de que nada pode acontecer sem a permissão divina e que o que pode nos parecer uma calamidade não passa de uma preparação para o estabelecimento do verdadeiro cristianismo durante o reinado do milênio.

O Paraíso Edênico

Vamos agora traçar o desenvolvimento do plano de Deus a partir de um ponto de vista ligeiramente diferente. Observamos a grande importância do elemento tempo nos arranjos divinos — como o plano de Deus se desenvolveu de uma era para outra — e agora examinaremos o programa divino no que se refere aos diferentes planos de existência, ou esferas da vida. Quando, em Efésios 1:10, o apóstolo descreve a conclusão do plano divino na “dispensação da plenitude dos tempos”, ele declara que então todas as coisas serão e emente reunidas

sob Cristo, tanto as que estão no “céu” quanto as que estão na “terra”.

Nas Escrituras, encontramos duas salvações mencionadas, uma salvação celestial e outra salvação terrena. Não levar esse fato em consideração quando estudamos a Bíblia resulta em muitas contradições aparentes. A maioria das promessas do Antigo Testamento e algumas do Novo Testamento descrevem bênçãos terrenas, enquanto a maioria das promessas do Novo Testamento e aquelas do Antigo Testamento que falam profeticamente da igreja delineiam uma esperança celestial. É necessário que façamos a aplicação temporal adequada dessas promessas se quisermos ver a harmonia que existe entre elas.

Enfatizamos que Adão foi criado para viver na terra e que a terra foi criada para ser o lar do homem. (Isaías 45:18; Salmo 115:16). Nada foi dito a Adão sobre ir para o céu. Foi-lhe dito que, se desobedecesse à lei de Deus, morreria. O contrário também seria verdade — se não desobedecesse, não morreria. Se Adão não tivesse transgredido a lei divina, a ordem de multiplicar-se, encher a terra e subjugá-la teria sido cumprida sem pecado, doença e morte.

Nesse caso, Adão e seus filhos teriam continuado a viver na terra sem o medo da morte. Quando a ordem de encher a terra tivesse sido totalmente cumprida, essa função da humanidade teria cessado providencialmente, e a terra teria permanecido cheia de uma família humana perfeita e feliz, desfrutando da plena graça de Deus por toda a eternidade . Mas

não foi isso que aconteceu, pois Adão desobedeceu à lei divina, e a sentença de morte predita recaiu sobre ele. Mas isso não significa que o propósito de Deus ao criar o homem tenha falhado.

Foi por meio da transgressão de Adão que toda a raça humana nasceu na condição de pecado e morte, em vez de perfeição e vida. Paulo explica que, pela desobediência de um homem, o pecado entrou no mundo e a morte por causa do pecado, de modo que a morte passou a todos, porque todos pecaram. (Romanos 5:12,19). A queda de Adão trouxe a sentença de morte assim que ele pecou, e foi sob essa condição que ele gerou seus filhos. Portanto, eles também estavam no caminho da morte, porque o rio não pode subir acima de sua fonte.

O preço correspondente

Lembremo-nos de que, quando Adão pecou, nada lhe foi dito sobre ir para o céu ou para o inferno quando morresse. Foi-lhe dito que teria que morrer, e isso significava simplesmente que ele havia perdido o privilégio de viver e desfrutar daquele jardim perfeito que era o Éden — o paraíso terrestre. O pecado de Adão significou, portanto, a perda do paraíso. O plano de salvação de Deus, portanto, é necessariamente aquele que prevê a restauração do paraíso. Mas como isso será realizado? As Escrituras respondem que isso será realizado por meio da obra redentora de Cristo.

Um dos termos bíblicos usados em relação à obra da redenção é o de “resgate”. Paulo nos diz que o

“homem” Cristo Jesus se entregou como “resgate” por todos (1 Timóteo 2:5,6). Nesta passagem, a palavra grega traduzida como “resgate” é *“antilutron”*, que significa “preço correspondente”. O homem Jesus, que morreu como o redentor na cruz do Calvário, foi o preço correspondente exato pelo homem perfeito Adão, que pecou. Diz-se de Jesus que ele “se fez carne” e que o propósito disso foi “para sofrer a morte, [...] para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos os homens”. João 1:14; Hebreus 2:9

Quando ocorreu a primeira vinda de Jesus, a principal característica do plano executado por ele naquela época foi dar a sua vida pelos pecados do mundo inteiro. João Batista disse de Jesus: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. João 1:29

Se não houvesse um elemento preparatório adicional do plano divino a ser desenvolvido, a obra de Deus após a morte e a ressurreição de Jesus teria sido a de restaurar o homem caído ao seu estado perdido — o paraíso. A mensagem aos crentes teria sido: “Venham... Bebam gratuitamente da água da vida.” (Apocalipses 22:17). Por meio de Jesus, foi providenciada a anulação da sentença de morte que recaiu sobre Adão e, por meio dele, sobre toda a humanidade; assim, o próximo passo aparentemente lógico teria sido iniciar a obra de restauração.

Mas essa não foi a obra iniciada pelos apóstolos no Pentecostes. É verdade que Jesus curou alguns dos doentes de sua época e ressuscitou alguns mortos,

mas isso foi apenas para ilustrar sua obra futura. (João 2:11). O apóstolo Paulo explica que os dons do espírito que foram dados à Igreja Primitiva e pelos quais um número limitado de milagres foi realizado deveriam “cessar” ou passar. (1 Coríntios 12:31; 13:1-3,8; 14:18-20,22). Desde então, alguns alegaram ter a capacidade de realizar milagres em nome de Cristo, mas os mortos não foram ressuscitados e apenas uma proporção lamentavelmente pequena dos doentes alegou ter sido milagrosamente curada, e essas alegações são de autenticidade duvidosa.

Aos discípulos de Jesus não foi prometida saúde e vida eterna na Terra. Em vez disso, foi-lhes dito que, se desejassem ser verdadeiros discípulos de Cristo, deveriam esperar sofrer e morrer com ele. “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”, foi assim que o mestre expôs a questão àqueles que desejavam aprender os termos do discipulado. Mateus 16:24

Naturalmente, seria de se supor que, se, como revelam as Escrituras, Jesus tomou o lugar do pecador na morte, aqueles que crêem nele não precisariam morrer. Isso será verdade no mundo de Deus do amanhã, mas durante a era evangélica outra fase do plano divino de salvação está sendo desenvolvida, e essa é a mais importante.

Qual é essa fase do plano? É o chamado e a seleção da igreja de Cristo, preparando seus membros para compartilhar com ele a obra de dar vida à humanidade durante a Era Messiânica. Isso é

descrito pelo apóstolo como um “chamado celestial”. (Hebreus 3:1; Filipenses 3:14). Jesus aludiu a isso em sua declaração ao jovem rico quando lhe disse que, se ele o seguisse até a morte, teria “tesouro no céu”. Lucas 18:18-22

Um lugar preparado

Jesus também se referiu à esperança celestial dos seus seguidores de passos quando lhes fez a promessa: “Vou preparar um lugar para vocês. E, se eu for, [...] voltarei e os receberei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, vocês também estejam”. (João 14:2,3). Pedro se refere à esperança celestial da igreja na declaração: “Pelas quais nos foram dadas preciosas e grandíssimas promessas, para que por elas vos torneis participantes da natureza divina.” 2 Pedro 1:4

Paulo encoraja os cristãos a fixarem seus afetos nas “coisas do alto”. Essas coisas do alto, ele nos diz, são “onde Cristo está à direita de Deus”. (Colossenses 3:1,2). Isso indica que a recompensa da igreja será a mesma que a recompensa de Jesus. Isso também é enfatizado pelo apóstolo, quando ele disse: “Se fomos plantados juntamente com Jesus na semelhança da sua morte, também o seremos na semelhança da sua ressurreição.” Romanos 6:5

Neste último texto está a explicação de por que os seguidores de Jesus nesta era não têm a vida humana eterna restaurada — é porque eles são convidados a morrer com Jesus. Em outras palavras, a obra sacrificial do plano divino não foi concluída no

Calvário. Isso é deixado claro por Paulo em Romanos 12:1, onde lemos: “Rogo-vos, pois, irmãos, pela misericórdia e de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional”.

Em Colossenses 1:24, Paulo fala de completar “o que falta às aflições de Cristo”. Outras passagens representam a igreja em um papel de sacrifício, dando a própria vida para fazer a vontade de Deus. É dessa obra sacrificial dos cristãos que o apóstolo fala como sendo “plantados juntamente” na “semelhança” da morte de Cristo. Jesus não morreu sob condenação, como pecador. Ele morreu sacrificialmente, como uma oferta voluntária pelo pecado. Sua morte proporcionou o cancelamento legal do pecado de Adão e, por meio de Adão, dos pecados hereditários de toda a humanidade.

Justificados por meio de Cristo

Como, então, alguns podem perguntar, os seguidores de Jesus poderiam morrer da mesma forma que ele morreu? Eles não são membros da raça caída, sob condenação à morte, da mesma forma que toda a humanidade? Eles eram assim, mas as Escrituras nos dizem que, após a ressurreição de Jesus, ele apareceu na presença de Deus por nós. (Hebreus 9:24). Isso significa que o mérito de seu sacrifício liberta da condenação todos os seus seguidores consagrados, de modo que sua morte não é mais vista por Deus como uma condenação, mas como um sacrifício.

Em Romanos 6:10,11, Paulo diz aos cristãos que eles podem “considerar-se” como “mortos para o pecado”, assim como Jesus “morreu para o pecado”, isto é, como uma oferta pelo pecado. Isso não significa que a obra sacrificial da igreja seja necessária para proporcionar a redenção para a humanidade. Tudo isso foi realizado por Jesus. O que isso significa é que Deus aceita os sacrifícios da igreja como se fossem sacrifícios de seres humanos perfeitos e que, por meio desses sacrifícios, a igreja está preparada para trabalhar com Jesus na Era Messiânica como dispensadora de vida para toda a humanidade.

Aqueles que compõem a verdadeira igreja de Cristo — cujos nomes estão “escritos no céu” — foram chamados para fora do mundo e têm a certeza de que, por meio do sangue de Cristo, suas obras imperfeitas são aceitáveis a Deus. Com base em sua disposição de sacrificar a vida terrena, lhes é prometida uma recompensa celestial. Assim, eles trilham o caminho estreito do sacrifício que leva à glória, à honra e à imortalidade. Mateus 10:39; Romanos 2:7

É somente à igreja que é dada a esperança da imortalidade. Adão não era imortal, porque ser imortal significa ser à prova da morte. O homem não será imortal quando restaurado à perfeição no final da Era Messiânica, mas todos os cristãos verdadeiros e fiéis desta era evangélica serão finalmente exaltados à imortalidade. Eles serão feitos como Jesus é agora, um ser celestial exaltado; e eles

o verão como ele é, e estarão com ele no reino, e reinarão com ele por mil anos. 1 João 3:2; Apocalipses 2:26,27; 5:10; 20:4,6

Paraíso restaurado

Quando a obra da era evangélica estiver completa e todos os verdadeiros cristãos estiverem unidos a Jesus na fase e celestial do reino, então começará a obra de restaurar a vida da humanidade na Terra.

O apóstolo Pedro fala dessa obra da Era Messiânica como sendo a da “restauração” e nos diz que ela foi anunciada pela boca de todos os santos profetas de Deus desde o início do mundo. (Atos 3:20,21). São esses testemunhos dos santos profetas que descrevem as bênçãos terrenas da vida que virão para a humanidade após a segunda vinda de Cristo. O cumprimento dessas promessas terrenas deve esperar até a conclusão da igreja da era evangélica, que está reunida com Cristo no plano celestial - o lugar preparado para eles por Jesus. João 14:1-3

Concluída a obra da era evangélica, seguirá-se a obra de reunir a humanidade em geral sob Cristo, não no plano espiritual, mas no terreno. Assim, todas as coisas serão reunidas sob Cristo, “tanto as que estão nos céus como as que estão na terra; mesmo nele”. (Efésios 1:10). A reunião da igreja, que começou no início da era evangélica, deve ser concluída e toda a igreja unida a Cristo em glória, pouco antes do início da Era Messiânica; por isso, nos é dito que nesta “dispensação da plenitude dos

tempos” tanto a reunião celestial quanto a terrestre em Cristo serão realizadas.

Príncipes terrestres

Os primeiros a serem restaurados à perfeição e à vida terrenas serão os servos fiéis do passado. Eles eram os pais de Israel, mas se tornarão filhos do Cristo e serão feitos “príncipes em toda a terra”. (Salmo 45:16). Jesus disse que Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas seriam considerados os instrutores do povo durante esse período do reino. (Mateus 8:11; Lucas 13:28-30). Estes serão os representantes terrenos do Cristo divino e terão a tarefa de administrar as leis desse novo reino.

Esses representantes terrenos do Cristo divino serão apoiados por um poder milagroso, de modo que não haverá oportunidade de evitar as leis então impostas — que serão as leis de Cristo. É-nos dito que então acontecerá que “toda alma que não ouvir (obedecer) a esse profeta será destruída dentre o povo.” (Atos 3:23). Aqueles que se conformarem às leis do reino messiânico não precisarão morrer. Eles serão restaurados à perfeição que foi perdida pelo pai Adão e, com base nessa perfeição terrena, terão a oportunidade de viver na Terra para sempre. É isso que significa o termo “restauração”, usado pelo apóstolo Pedro, e o termo “regeneração”, usado pelo mestre. Mateus 19:28

Nas centenas de promessas bíblicas relativas às bênçãos da restauração que em breve virão ao mundo, temos um esboço das muitas maneiras pelas

quais ela resultará na felicidade das pessoas e na solução de seus problemas. É-nos dito que o conhecimento de Deus encherá toda a terra, como as águas cobrem o mar (Isaías 11:9). É-nos dito que o Senhor dirigirá ao povo uma mensagem pura , permitindo que toda a humanidade “invoque o nome do Senhor, para servi-lo com um só consentimento”. Sofonias 3:9

Também nos é dito que então a lei de Deus será escrita nos corações das pessoas (Jeremias 31:33,34). Isso descreve uma das maneiras pelas quais o homem será restaurado à perfeição que perdeu quando Adão transgrediu a lei de Deus no Éden.

Escrever a lei divina nos corações das pessoas exigirá a ajuda de Deus. O poder de realizar milagres estará então disponível para ajudar aqueles que precisam de ajuda e que se colocam sob a jurisdição dos regulamentos do reino.

Dessa época, é-nos dito que as pessoas “aprenderão a justiça” (Isaías 26:9). Elas também aprenderão a conhecer o Senhor, cujo conhecimento correto é a vida eterna. (João 17:3). Satanás será preso durante esse tempo, e todas as influências malignas serão restringidas. (Apocalipses 20:1,2). O caminho de volta à vida será tão claro que “os viajantes, mesmo os tolos, não se desviarão dele”. Isaías 35:8,9

Quão diferente isso será das condições agora enfrentadas pelos cristãos! Estes últimos estão caminhando na “estrada estreita”, que é difícil de

encontrar, e aqueles que a encontram e nela caminham são tentados e provados em quase cada passo do caminho. (Mateus 7:13,14). Deus, é claro, os ajuda, e sua recompensa é extremamente grande. Mas quando a “estrada” da restauração for aberta, as provações desta era terão terminado, e a humanidade receberá toda a ajuda necessária para que possa retornar rápida e completamente à perfeição e à vida eterna na Terra.

Este, então, é o plano de Deus para o mundo de amanhã. Os longos anos de preparação estão agora quase completos. “Miguel”, o Rei no mundo de Deus de amanhã, já se levantou, e seu retorno para tomar sua noiva e assumir sua autoridade real sobre as nações está resultando em “um tempo de angústia, como nunca houve desde que houve nação”. (Daniel 12:1). Esta tribulação, embora angustiante, está a preparar o mundo para aceitar o seu novo Rei, cuja presença ainda não é reconhecida e aceite por eles. Mas quando a sua glória for revelada, “toda a carne a verá juntamente”. Isaías 40:5

De Jerusalém, “o aumento do seu governo e da paz” se estenderá gradualmente até abranger todas as nações, trazendo-lhes alegria, paz e vida eterna. (Isaías 9:6,7). Quando as nações da Terra se tornarem mais humildes do que são hoje, dirão: “Vinde, e subamos ao monte do Senhor, e à casa do Deus de Jacó; e ele nos ensinará os seus caminhos, e nós andaremos nas suas veredas”. Quando forem assim ensinadas os caminhos do Senhor, elas “transformarão suas espadas em relhas de arado e

suas lanças em foices; nenhuma nação levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra”. Miquéias 4:1-4; Isaías 2:2-4

Sim, Deus tem um plano, e ao longo dos tempos ele tem progredido constantemente até sua conclusão. Agora estamos no limiar da “dispensação da plenitude dos tempos”, quando o grandioso final do plano divino será um o promulgado para a bênção de todas as nações com paz, felicidade e vida eterna. Esse final do plano divino será a resposta de Deus à oração do cristão: “Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.” Mateus 6:10

Se conhecemos o plano de Deus e o que ele significará em breve para um mundo aflito, é nosso privilégio contar aos outros sobre ele. É a verdadeira mensagem do evangelho, as “boas novas” que se concentram na obra redentora de Cristo. Quando tivermos oportunidade, vamos dizer às pessoas que não houve falha no plano de Deus em nenhum momento, mas que ele está prosseguindo de acordo com o seu propósito e rumo a uma consumação gloriosa. Sua obra no mundo de ontem não falhou. Sua obra no mundo de hoje não falhou. Sua obra no mundo de amanhã não falhará. Isaías 42:4; 55:10,11; 53:10

Como o plano de Deus está prestes a ser concluído em seu mundo de amanhã, toda a Terra logo se tornará um paraíso, e tudo o que foi perdido no Éden e comprado pela morte de Jesus será restaurado ao povo. Assim, Deus enxugará as lágrimas de todos os

rostos, e a morte será tragada pela vitória.
Apocalipses 21:1-5; 1 Coríntios 15:54